



Serviço Público Federal
Ministério do Turismo
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Superintendência do IPHAN em Pernambuco
Coordenação Técnica do IPHAN-PE

PARECER TÉCNICO nº 34/2021/COTEC IPHAN-PE/IPHAN-PE

ASSUNTO: Reavaliação do Frevo com vistas à Revalidação do Título de Patrimônio Cultural do Brasil

REFERÊNCIA: Proc. 01450.000903/2020-15

Recife, 22 de abril de 2021.

1 - Introdução

O presente Parecer compõe o conjunto de documentos relativos à Reavaliação do Frevo – Forma de Expressão registrada como Patrimônio Cultural do Brasil no ano de 2007 (Processo nº 01450.002621/2006-96) - com vistas à Revalidação do título referido. Ele foi elaborado em atenção ao Ofício nº 39/2021/DPI e à Nota Técnica nº 03/2020/DPI, constantes no processo em tela.

Uma vez registrado, o bem passa a ser objeto de ações de promoção e valorização específicas pelas três esferas de governo, assim como pela sociedade civil, sendo sua dinâmica no decorrer dos anos considerada de fundamental importância para compreender-se a realidade cultural brasileira. A Revalidação do Título de Patrimônio Cultural do Brasil dos bens registrados está prevista no Decreto 3.551/2000, que instituiu “o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro” e criou “o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial”. Conforme o Art. 7º do Decreto citado, o Iphan fará a instrução do processo de Revalidação do bem, “[...] e a encaminhará ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural para decidir sobre a revalidação do título de Patrimônio Cultural do Brasil”. Quanto aos procedimentos e prazos formais aqui considerados, estão previstos na Resolução nº 05/2019/Iphan, que “dispõe sobre o processo administrativo de Reavaliação para Revalidação do Título de Patrimônio Cultural do Brasil dos Bens Registrados”.

A estratégia da Superintendência do Iphan em Pernambuco foi designar grupo de trabalho composto por 3 (três) servidores do campo das Ciências Humanas, no intuito de viabilizar os trabalhos dentro do prazo previsto, considerando-se sobretudo as dificuldades impostas à pesquisa sobre Bens Patrimoniais Imateriais no contexto da pandemia desde o início do ano de 2020, mas, também, as muitas e complexas questões suscitadas nos blocos “1 – Condições atuais de produção e reprodução do bem” e “2 – As transformações e o fortalecimento sociocultural do bem reconhecido como patrimônio cultural do Brasil”, configurados na Nota Técnica nº 3/2020/DPI.

Quanto à reunião de informações acerca dos efeitos do Registro, ações de salvaguarda e demais dados acerca do bem cultural em questão, foi realizada conjuntamente pelo Departamento de Patrimônio Imaterial do Iphan, Superintendência em Pernambuco e comunidade detentora/produtora. O documento fundamental tomado como parâmetro de análise é o Dossiê do Frevo, fruto do INRC realizado em 2006 e publicado como o 14º volume da “Coleção Dossiê dos Bens Culturais Registrados”.

Deixamos claro que uma análise acurada da dinâmica cultural nos últimos anos de um bem tão complexo quanto o Frevo demandaria uma alocação de recursos financeiros e humanos, além de um cronograma semelhante aos parâmetros utilizados para a realização do INRC. Na prática, ensejaria um novo Inventário. No nosso caso, trabalhamos de uma forma bem mais simplificada, utilizando-nos de fontes bibliográficas, acervos (físicos ou digitais), CDs, DVDs, diversas matérias recentes dos veículos de comunicação (jornais, TV) e o diálogo direto com detentores (processo que já havíamos iniciado para sistematizar informações atualizadas sobre o Frevo para a Unesco).

2 - O Frevo e seu Registro: breve contextualização

Surgido ainda no Século XIX, e tendo se desenvolvido no Século XX, sobretudo em Recife e Olinda, o Frevo está assim descrito na Certidão de Registro que compõe o processo oficial:

O Frevo é uma forma de expressão musical, coreográfica e poética densamente enraizada em Recife e Olinda, no Estado de Pernambuco. Gênero musical urbano, o Frevo surge no final do Século XIX, no carnaval, num momento de transição e efervescência social, como a expressão das classes populares na configuração dos espaços públicos e das relações sociais nessas cidades. As bandas militares e suas rivalidades, os escravos recém-libertos, os capoeiristas, a nova classe operária e os novos espaços urbanos foram elementos definidores na configuração do Frevo. Do repertório eclético das bandas de música, composto por vários estilos musicais, resultaram suas três modalidades ainda vigentes: Frevo-de-rua, Frevo-de-bloco, Frevo-canção. A instrumentação clássica compreende instrumentos de sopro (trompetes, trombones, tubas, saxofones, clarinetes, requinta, flauta e flautim) e percussão (surdo, caixa e pandeiro). Simultaneamente à música, foi-se inventando o passo, isto é, a dança frenética característica. Improvisada na rua, liberta e vigorosa, criada e recriada por passistas, a dança de jogo de braços e pernas é atribuída à ginga dos capoeiristas, que assumiam a defesa de bandas e blocos".[1]

De maneira que o Frevo é, sem dúvida, eminentemente uma Forma de Expressão, e extremamente singular, considerando seu caráter dentro da formação da sociedade brasileira. Como coloca o jornalista e pesquisador José Teles, em seu excelente estudo "Do Frevo ao Mangubeat":

'Pernambuco tem uma dança, que nenhuma terra tem', os versos que iniciam o frevo-canção "É Frevo, Meu Bem", de Capiba, transcendem à mera manifestação ufanista do compositor. Diferente da grande maioria dos gêneros da música popular brasileira, o frevo tem origem em um único estado: Pernambuco. [...] Também difere de outros gêneros por não ter origem folclórica. Nasceu do povão, é certo, mas não do reaproveitamento de músicas preexistentes, de domínio público [...]. O frevo é música feita por indivíduos. Tem sempre autor certo e sabido.[2]

Esta citação da obra de José Teles é apenas ilustrativa da singularidade do gênero que, de tão complexo, é considerado por alguns como erudito a partir de uma origem eminentemente popular. O Frevo tornou-se, com os anos, Referência Cultural nacional, o que levou ao pedido do seu Registro, nos moldes do Decreto 3.551/00.

Em 2006, a Prefeitura da Cidade do Recife solicitou o Registro à Superintendência do Iphan em Pernambuco, já havendo sido anexado ao Ofício protocolado, um Dossiê contendo uma série de informações históricas, justificativa, levantamento bibliográfico, acervo de partituras, termos de anuência de detentores e interessados, etc, sendo aberto, no Iphan – PE, o Processo 01498.00050/2006. Neste processo, para acompanhamento no âmbito estadual, consta o encaminhamento do pleito ao então Presidente do Iphan, Luiz Fernando de Almeida.

O Dossiê oficial foi realizado utilizando-se a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais do Iphan, no ano de 2006. O INRC do Frevo foi coordenado pela pesquisadora Carmem Lélis e contou com a seguinte equipe: três consultorias nas áreas de etnomusicologia, dança e literatura; nove pesquisadores, um supervisor de pesquisa, equipe de fotografia, transcrição, revisão e vídeo (diretores, cinegrafistas, técnicos de som, diretor de fotografia e roteirista).[3] O trabalho contemplou tanto uma perspectiva histórica quanto etnográfica. Foram entrevistados os principais personagens detentores do Frevo no período de realização e resgatada a memória dos que fizeram o gênero no passado. O Inventário pode ser considerado a peça inaugural dos processos oficiais de Salvaguarda.

A reunião do Conselho Consultivo na qual foi aprovado o título do Frevo como Patrimônio Cultural do Brasil teve um caráter especial, haja vista ter sido realizada exatamente quando o Bem cultural completou oficialmente seu centenário. O marco para tal datação foi o aparecimento da palavra Frevo pela primeira vez na imprensa pernambucana, em 09 de fevereiro de 1907, no extinto Jornal Pequeno (TELES, 2007). O então Ministro da Cultura, Gilberto Gil, grande entusiasta do gênero esteve presente, pronunciando-se na cerimônia.[4]

Considerado o contexto do Registro, cabe-nos aqui perguntar se o Bem foi bastante projetado em termos de promoção, produção e reprodução nos últimos anos. A julgamos pela grande quantidade de CDs, DVDs, livros, espetáculos, documentários, sites, programas de televisão e apresentações produzidos do Registro em diante, além da permanência da maior parte de blocos tradicionais, surgimento de novos compositores, músicos, intérpretes, assistentes, espaços como o Paço do Frevo (criado em 2013), nossa resposta será sim. E foi partindo da premissa de que o Frevo continua vivíssimo enquanto grande Referência Cultural de Pernambuco e do Brasil que construímos o presente parecer.

Já no ano de 2007, além de um carnaval deslumbrante com a participação efetiva de todos os detentores tradicionais do Frevo, excelentes produtos culturais foram realizados.[5] A exemplo, é lançada, em edição de luxo, a obra “Frevo: 100 anos de folia”, contendo mais de “200 imagens de fotógrafos e artistas plásticos” (como Pierre Verger e Lula Cardoso Ayres) e textos que passam por Clarice Lispector (que viveu no Recife na infância) e vão até José Lins do Rêgo e Katarina Real. Outro produto importante já do ano de Registro foi o CD “100 Anos do Frevo: é de perder o sapato”, que aborda tanto o Frevo de Rua quanto o Frevo-Canção e o de Bloco.[6] O Quinteto Violado também lança o inovador “100 Anos Depois – É Frevo no Pé”, CD com arranjos absolutamente inusitados para temas clássicos. No histórico, destaca-se o fato de o Frevo ter sido inscrito na Lista dos Bens Culturais Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Unesco, no ano de 2012. São muitos os fatos que poderiam ser retomados aqui. Tentaremos dar conta de uma modesta amostragem em nossa análise a seguir, haja vista as limitações de um parecer.

De saída, e em consonância com a proposta do DPI, cabe aqui perguntar-nos se houve alguma modificação nos sentidos e nas percepções sobre o bem? Trata-se de questionamento complexo, pois sabemos que o patrimônio imaterial / bem cultural imaterial é vivo e dinâmico. Que o Frevo está vivíssimo, o atestam os grandes carnavais ocorridos todos os anos, a inúmera quantidade de músicos, compositores, assistentes, clubes, troças, escolas, espaços.[7] O Frevo (juntamente com bens como o Maracatu Nação, o Maracatu de Baque Solto e o Caboclinho) é referência absoluta do carnaval pernambucano e marca registrada do cotidiano – de jingles a marcas de refrigerante.

Fala-se muito em uma “origem popular” do Frevo. Mas o Frevo não tem uma “origem” popular – ele é popular. Tomemos o exemplo do Galo da Madrugada (que figura no Guinness Book como o maior bloco de carnaval do mundo). Quem já entrou na turba do Galo no sábado de Zé Pereira sabe que são oriundos das classes trabalhadoras a maior parte dos milhões de foliões presentes. E ali, os Frevos de Rua (como “Vassourinhas” e “Último Dia”) mais tradicionais e os Frevos-Canção (como “Oh Bela” e “Hino do Elefante”) são executados todos os anos.[8] E o passo é dançado espontaneamente, da mesma forma como surgiu. Vejamos alguns aspectos abordados no Dossiê e sua dinâmica nos anos que se seguiram ao Registro.

3 – O Frevo e seu Território

O frevo está para o Capibaribe como o jazz está para o Mississippi.

(Zé da Flauta)

Como bem afirmou Severino Vila Nova[9], membro do Bloco Cordas e Retalhos e do Comitê Gestor do Frevo, esta Forma de Expressão não é mais só do carnaval nem se restringe a Recife e Olinda. Em vários municípios temos o Frevo na música, dança, clubes, blocos, artesanato. Historicamente, contudo, conforme apresentado no Dossiê de Registro, podemos falar em um “território tradicional do Frevo”, que tem como ponto focal o Bairro de São José, um dos mais antigos do Recife. O já citado Galo da Madrugada, por exemplo, maior bloco de Carnaval do Brasil, não apenas desfila até hoje nas ruas do bairro, como tem sua sede lá. Um trecho de um de seus Frevos-Canção, com poética típica, afirma:

Acorda, Recife, acorda
Que já é hora de estar de pé
Levanta, o Carnaval começou
No Bairro de São José
Vem, vem meninada
Vem conhecer o Galo da Madrugada[10]

Foi no Bairro de São José que surgiram blocos clássicos como o Clube das Pás Douradas, Clube Vassourinhas, Clube dos Vasculhadores (Dossiê, p.25). Daí, houve uma expansão para toda a área mais antiga da Cidade do Recife: Bairro do Recife, Santo Antônio, Boa Vista e para Olinda (particularmente o Sítio Histórico). Aqui, chamamos a atenção para a interessante conjugação Patrimônio Material / Patrimônio Imaterial, haja vista que muitos dos territórios tradicionais do Frevo correspondem a Sítios Urbanos tombados pelo Iphan.

Quanto à epígrafe introdutória, contida no livro “Frevo: 100 anos de folia” (CASSOLI, 2007), o grande músico, arranjador e produtor recifense Zé da Flauta foi muito feliz ao escrevê-la, devido ao fato de que a relação do Recife com o Capibaribe no chamado território tradicional do Frevo é umbilical. Os blocos passam o tempo todo por cima das pontes, caso por exemplo, do tradicional “Escuta Levino”, que, saindo no início da noite da Praça Maciel Pinheiro, na Boa Vista, com grande orquestra de Frevo de Rua no chão (a do grande Maestro Lessa), muitas vezes com a participação dos passistas do grupo “Guerreiros do Passo”, passa por sobre a Ponte da Boa Vista (a chamada Ponte de Ferro) – ou seja, por sobre o Capibaribe - rumo ao berço do Frevo. O que ocorre nos dias de hoje, assim como foi inventariado no Dossiê, parece nos conduzir tanto ao passado quanto ao futuro do Frevo.[11]

No Sítio Histórico de Olinda não é diferente. Agremiações tradicionalíssimas, como a Pitombeira dos Quatro Cantos[12] saem pelas ruas, também com grande orquestra de sopros, estandarte, passistas (Cia Folia e Dança, com 25 passistas, incluindo crianças), levando a multidão ao delírio. Também o Clube Misto Elefante de Olinda e muitos outros desfilam tradicionalmente há décadas. Trata-se também de território do Frevo por excelência, no passado, na época em que foi realizado o INRC e nos dias de hoje. Como diz o Hino de Elefante (Clídio Nigro / Clóvis Vieira), talvez o Frevo-Canção mais entoado de todos os tempos:

Olinda, quero cantar
A ti, esta canção
Teus coqueirais, o teu sol
O teu mar faz vibrar meu coração
De amor, a sonhar
Minha Olinda sem igual
Salve o teu carnaval

Retomando, porém, a questão inicial do tópico, certamente o território do Frevo é hoje muito maior que os lugares tradicionais citados. Se estende inicialmente por diversos bairros de Recife e Olinda além de municípios da Região Metropolitana do Recife, incluindo a gestão já há muitos anos consolidada da ideia do estabelecimento de “polos descentralizados”. Vejamos o caso de Recife. Conforme posto em matéria do Diário de Pernambuco:

"Uma das intenções do carnaval é ser uma festa democrática, pautada sempre na diversidade. Isso fica expresso também a partir dos números: são 46 polos e mais de 2.700 apresentações por toda a cidade. Por esses polos passarão agremiações tradicionais, que encantam recifenses e visitantes, além de artistas da terra como Spok, Maestro Forró, Nena Queiroga, Almir Rouche, Maestro Ademir Araújo, André Rio e Silvério Pessoa".[13]

Além disso, há a presença do Frevo no interior de Pernambuco, em carnavais como o de Bezerros e Goiana. Há, também, a presença do Frevo em diversos estados do Brasil, como Paraíba (lembremos do grande bloco “Muriçocas do Miramar” de João Pessoa), Bahia, Rio de Janeiro. Nestes dois últimos a

relação já é histórica, como atesta José Ramos Tinhorão, referindo-se à ida do Maestro Zuzinha ao Rio de Janeiro nos anos 30 do Século XX para ensinar os músicos do Sudeste o “jeito certo” de executar as partituras (TINHORÃO, s/d:146-7).^[14] Também a clássica ida do Clube Vassourinhas a Salvador em 1951, que influenciou no surgimento do Frevo tocado na guitarra baiana, do trio elétrico de Dodô e Osmar.^[15]

Em 2012, com a inscrição do Frevo na Lista do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, há um alargamento ainda maior das fronteiras da Forma de Expressão. Exemplo disso é o projeto “Andante”, estrelado pelo Maestro Forró, da Orquestra Popular da Bomba do Hemetério, com a realização de intercâmbios musicais em países como Cuba, Turquia, Bulgária e Romênia.^[16]

Por fim, citemos que já há festivais e associações de Frevo recentes na Europa. No Youtube é possível assistir diversas performances, caso da postagem recente da “União Europeia dos Passistas de Frevo e Capoeira”. Houve, também, em 2017, o “1º Concurso Europeu de Passistas de Frevo” em Lisboa, conforme noticiado pelo canal “Mexê Com Tudo”, do grande passista Otávio Bastos.^[17]

4 – Carnaval

*Carnaval, desengano, deixei a dor em casa me esperando,
e brinquei, e gritei, e fui vestido de rei
(Chico Buarque)*

O Carnaval sempre foi e permanece sendo o grande momento, a cada ano, de celebração máxima do Frevo. Nele, milhões de pessoas participam da música e do passo. Clubes, troças e blocos desfilam, boneco gigantes são vistos. É também o período em que os músicos e passistas tradicionais recebem melhor remuneração e conseguem se apresentar inúmeras vezes em um curto espaço de tempo. Como colocado no Dossiê: “É a celebração do Carnaval o lugar primeiro do Frevo. Festa alegórica do povo brasileiro, híbrida e transgressora, configurada como agente direto da dinâmica cultural em que o frevo, em todas as suas expressões é vivenciado, acrescido e incorporado a universos distintos” (Dossiê, p. 29). Vejamos o caso do Maestro Lessa, durante o Carnaval de 2020, conforme matéria jornalística:

José Bezerra da Silva, 82 anos, o Lessa, é pedaço histórico e pulsante do Carnaval de Recife e Olinda. Com 64 anos dedicados à música, o maestro de Frevo mais velho em atividade em Pernambuco, puxando troças e blocos na rua, tem fôlego de menino. É uma espécie de motor do Frevo. Não para. No comando de orquestras com até 30 músicos, chega a tocar 12 horas por dia no meio da multidão e do sobe e desce ladeiras. [...] Nesta segunda-feira de Carnaval a maratona começa às 10h na Ladeira da Misericórdia, uma das mais íngremes de Olinda. [...] Às 14h, corre para o Amantes de Glória, na Rua da Guia, Centro do Recife. O desfile começa às 16h e só acaba às 20h, no Pátio do Livramento.^[18]

É impressionante a disposição de um músico já idoso dedicar-se tanto ao Frevo no Carnaval. Com os passistas não é diferente. Praticamente todo mundo que se dedica profissionalmente à dança do Frevo participa do Carnaval. É o caso da equipe do Balé Popular do Recife, que sempre é contratada para se apresentar em locais como o polo do Marco Zero, maior do Carnaval do Recife. A nova sede do Balé Popular (desde 2019), na Rua do Bom Jesus, Bairro do Recife foi inclusive inaugurada nas prévias do Carnaval 2019, no dia 09 de fevereiro – o dia do Frevo. Angélica Madureira, uma das coordenadoras do Balé afirmou naquele dia: “Frevo é tudo na minha vida. Pra mim é um ser vivo”.^[19]

Os investimentos financeiros nos maiores carnavais – que são os de Recife e Olinda – são oriundos tanto do poder público quanto da iniciativa privada. Os números mais recentes, referentes ao Carnaval 2020 ficaram em R\$ 25 milhões em Recife e R\$ 8 milhões em Olinda, somados os investimentos públicos e privados. Dentre os segmentos empresariais que se interessam em patrocinar atrações no Carnaval estão cervejarias, bancos, fabricantes de chocolates, empresas de aplicativo de transporte, segundo a então Secretária de Turismo, Esportes e Lazer da Prefeitura do Recife, Ana Paula Vilaça. A Prefeitura de Olinda chegou a licitar a contratação de uma empresa específica de captação de recursos no carnaval de 2020, conforme João Luiz da Silva Júnior, Secretário de Patrimônio, Cultura e Turismo da Prefeitura de Olinda.^[20]

Também há investimentos do Governo do Estado e do Governo Federal, considerando-se que o Carnaval ocorre em diversos municípios do interior, como Bezerros, Goiana, Pesqueira, Limoeiro, Itamaracá,

Nazaré da Mata entre muitos outros. Em 2019, a exemplo, o Governo do Estado de Pernambuco investiu R\$ 21 milhões no Carnaval, considerando inclusive o grande número de turistas que vieram ao Estado no ano anterior: 1.707.879.[21]

No caso do Governo Federal, um dos meios utilizados para a captação é a Lei Rouanet. O já citado Galo da Madrugada (Clube de Máscaras Galo da Madrugada) é o bloco campeão de captação nessa modalidade. Entre 2007, ano do Registro do Frevo e 2017, o bloco captou R\$ 5 milhões de reais:

Só para o carnaval de 2017, foram investidos R\$ 100 mil em incentivos fiscais promovidos pela Rouanet. O valor corresponde a 10% do total gasto pelo bloco para o carnaval. O recurso tem retorno certo para a economia: promove geração de cerca de 24 mil empregos diretos e indiretos, segundo o presidente do bloco, Rômulo Meneses. Entre os profissionais envolvidos estão costureiras, figurinistas, vendedores, taxistas, técnicos de montagem de palco e camarotes, da rede hoteleira, entre outros. Apenas entre os artistas, são cerca de 1 mil pessoas envolvidas, anualmente. Com o slogan “o maior bloco da Terra”, reúne cerca de 2 milhões de foliões pela Grande Recife.[22]

Fato interessante da economia do Carnaval de Pernambuco é que um dos símbolos máximos do Frevo, as sombrinhas coloridas utilizadas para realizar o passo, não são produzidas no estado. São praticamente todas importadas da China até os dias de hoje. Só em 2019, 339 mil unidades foram importadas para Pernambuco.[23]

O Carnaval também é a época dos bailes, dos encontros de blocos líricos, em suma, das agremiações. Como coloca Carmem Lélis: “Das onze modalidades de agremiações carnavalescas que fazem parte do Carnaval do Recife o Frevo está representado em quatro delas: Clubes de Frevo, Troças, Clubes de Bonecos e Blocos Líricos, todas com a participação efetiva das comunidades centrais e periféricas do Recife, onde o Frevo é vivenciado durante o ano todo [...]” (FUNDARPE, 2018:620). E as agremiações agregam muitos dos aspectos do Frevo, como orquestras, passistas, maestros, flabelistas, maestros, compositores, artesãos. São milhões de foliões envolvidos com o Carnaval e o Frevo.

Uma questão sempre levantada nas reuniões do Comitê Gestor de Salvaguarda do Frevo são as dificuldades enfrentadas pelos clubes tradicionais do Recife, como o Vassourinhas do Recife, que figura no dossiê. Dificuldades que incluem manutenção da sede, questões financeiras, entre outras. Em 2019, por exemplo, uma reportagem noticiava que a sede do Clube Vassourinhas do Recife, no bairro de Afogados encontrava-se à venda, devido a dificuldades financeiras enfrentadas pela centenária agremiação.[24] Trata-se de tema que deverá figurar nas perspectivas de salvaguarda nos próximos anos.

Um último fato a ser comentado aqui é que, uma vez não ocorrendo o Carnaval 2021 devido ao contexto de pandemia, toda uma cadeia de economia da cultura foi momentaneamente rompida. Certamente, como colocou Severino Vila Nova, muitas agremiações, passistas e músicos optaram por realizar apresentações em tempo real na internet, dar aulas *on line* e assim por diante. Mas tanto algumas prefeituras quanto a iniciativa privada se preocuparam em criar linhas de apoio financeiro. A Prefeitura do Recife, por exemplo, criou o AME (Auxílio Municipal Emergencial), no intuito de liberar valores de até R\$10.000,00 para as atrações tradicionais que comprovadamente se apresentaram no Carnaval 2020.[25]

5 – A música

*Antes de mais nada, o compositor de frevo tem que ser músico.
Tem que entender de orquestração, principalmente.
(Guerra Peixe).*

A música do Frevo é viva e dinâmica. Sua base popular, carnavalesca, seu repertório tradicional, nunca se perderam - mas ele evolui. Em 2014 um lindo documentário idealizado pelo Maestro Spok e dirigido por Déa Ferraz nos deu a exata medida da força da música do Frevo nos sete anos que seguiram ao Registro. “Sete Corações” reuniu sete dos maiores nomes do Frevo de todos os tempos, sobretudo do Frevo de Rua, gênero originário, instrumental, de extrema complexidade. Clóvis Pereira, Duda, Guedes Peixoto, Ademir Araújo, Zé Menezes, Edson Rodrigues[26] e Nunes – mestres absolutos da composição, regência, arranjo e transmissão de saberes. Como disse Edson Rodrigues, Spok documentou a geração que se

seguiu à de Capiba, Nelson Ferreira, Zumba e Levino Ferreira. A geração seguinte já é a de Spok e Maestro Forró.

Infelizmente, três dos “sete corações” pararam de bater fisicamente nos últimos anos (soarão eternamente em suas partituras). Zé Menezes, Nunes e Guedes Peixoto nos deixaram, mas seu legado permanece mais do que vivo. O diálogo entre trompetes, saxofones e trombones no “sotaque” das síncopes em colcheias, semicolcheias e fusas sobre o velho 2/4 marcado no surdo e rufado na caixa junto com o contrabaixo soprado das indispensáveis tubas reina magistral.

Analisar permanências e mudanças em termos musicológicos não é tarefa para o presente parecer. Felizmente, muitos estudos têm aprofundado tal análise. É o caso de livros como “Frevo: transformações ao longo do passo”, de Climério de Oliveira Santos, Marcos Ferreira Mendes (Marcos FM) e Tarcísio Soares Resende, publicado em 2019 e “Arranjando Frevo de Rua”, de Marcos FM (2017). Também o volume “Frevo, Memória & Patrimônio”, publicado em 2018 pelo Paço do Frevo / IDG, nos fornece dados precisos sobre personalidades da música do Frevo contemporâneo. Caso, por exemplo, de Luciano Magno, compositor, cantor, arranjador, e produtor musical. Luciano compõe Frevo de Rua para guitarra, tentando trazer o referencial das orquestras de sopro para o instrumento. Nas palavras dele: “Eu diria que a minha guitarra tem um referencial mais próximo daqui do sopro. Eu também toco uma guitarra de frevo com uma pitada de rock, uma pitada de jazz, mas quando eu componho e executo no dia-a-dia, minha guitarra lembra a orquestra” (ESTEVES; SANTOS, 2018:86). Ele lançou o livro “Frevo para Guitarra”.

Outros músicos figuram na contemporaneidade, como Rafael Marques (bandolim) e Henrique Albino (sopros). Neste grupo, podemos situar também o acordeonista Beto Ortiz, que tem composto muitos frevos para acordeom e vencido concursos (1º lugar no Concurso de Música Carnavalesca Pernambucana 2006/2007); o bandolinista Hamilton de Holanda, que compôs uma série de frevos recentemente; e o trombonista Nilsinho Amarante.

Também os próprios trabalhos dos músicos que lidam com o Frevo de Rua vão trilhando novos caminhos como nos CDs de excelência “Passo de Anjo” (2007) e “Ninho de Vespa” (2014) da Spok Frevo Orquestra. O maestro Spok além de adaptar bem o Frevo de Rua ao formato de palco - lançou também um DVD antológico gravado no histórico Teatro de Santa Isabel -, trabalha muito a improvisação (daí a participação de nomes consagrados como Armandinho Macedo, Léo Gandelman e Genaro no seu DVD). Além disso, chegou a realizar um intercâmbio com uma orquestra de jazz norte-americana liderada pelo grande músico Winton Marsalis, num momento histórico para o Frevo, no ano de 2015. A apresentação realizada no Parque Dona Lindu, em Recife, foi um dos grandes marcos da evolução do Frevo pós-Registro e inscrição como Patrimônio da Humanidade.[27] O Maestro Forró, um músico de Frevo bastante inquieto inovador também é um experimentador. Gravou, por exemplo, um disco com clássicos do rock em ritmo de Frevo, arranjando temas de Paralamas do Sucesso, Cazuza, Rita Lee entre outros.[28]

No Frevo-Canção, não apenas compositores, mas também intérpretes figuram com força total nos últimos 15 anos dentro da dinâmica cultural do Frevo. J. Michiles, recentemente reconhecido como Patrimônio Vivo de Pernambuco, destaca-se como grande renovador do gênero, compondo muitas peças que já se tornaram clássicos do carnaval. Ele é autor de temas executados todos os anos, como “Bom Demais”, “Me Segura Se Não Eu Caio” e “Roda e Avisá” (parceria com o grande Edson Rodrigues) gravados por Alceu Valença. Michiles continua em plena atividade criativa.

No campo da interpretação clássica do Frevo, permanece atuante o grande Claudionor Germano, certa vez definido por Lenine como “a voz do carnaval pernambucano” em seu imaginário. Claudionor é intérprete máximo, por exemplo, dos clássicos Frevos-Canção de Capiba, como “Oh Bela”. Aos 88 anos, hoje Patrimônio Vivo de Pernambuco, Claudionor Germano é um capítulo da história do Frevo, uma das suas vozes máximas. Infelizmente, em 2017, perdemos um grande clássico intérprete do Frevo-Canção: Expedito Baracho. Grande representante da geração de Claudionor, Baracho foi também outro capítulo à parte na história do Frevo, intérprete de primeira grandeza.[29] O gênero Frevo-Canção se renova em interpretação com nomes como Nena Queiroga, André Rio, Gustavo Travassos, Nonô Germano, Silvério Pessoa e Almir Rouche.

Vejamos também o caso dos blocos líricos e seu repertório (Frevo de Bloco). Em 1998, ou seja, nove anos antes do Registro do Frevo, o Governo do Estado de Pernambuco lançava a publicação “Blocos Carnavalescos do Recife: origens e repertório” (SILVA, 1998). Nesta obra, espécie de “songbook” do Frevo

de Bloco, figuram as grades de partituras de 21 frevos tradicionalíssimos arranjados para o padrão tradicional de cordas, sopros, percussão e coro feminino. Estão lá compositores como Edgar Moraes, Capiba, Getúlio Cavalcanti e Nelson Ferreira. Todas as composições e os blocos tradicionais que as entoam (Bloco da Saudade, Bloco das Flores entre outros) figuravam no período da realização do Inventário (2006) e ainda permanecem hoje. Ou seja, 25 anos depois, o repertório partiturado no “songbook” permanece absolutamente vivo. Um nome que se destacou na renovação do Frevo de Bloco e que deve ser lembrado aqui é o de Romero Amorim, autor do clássico “Aurora de Amor” e criador do “Encontro de Blocos Líricos” do Carnaval de Pernambuco. Ele faleceu em 2012.[30]

Por outro lado, figuram casos como o da “Orquestra Malassombro”. Conversando com o produtor cultural Amaro Filho e assistindo às apresentações da Orquestra, extraímos do seu *release* o conceito de “frevo novo”, apontando para a renovação da composição:

Fundada em janeiro de 2019, pelo músico – bandolinista, Rafael Marques, a Orquestra Malassombro é a mais nova invenção musical da capital do Frevo, em se tratando de Orquestra de Frevo de Bloco. [...] Existe uma leva de compositores novos. Estamos vivendo um momento muito rico nesse aspecto. [...] A Malassombro é composta por 21 músicos, entre instrumentistas de cordas, sopros e percussão, e um coro de vozes femininas e masculinas, o que difere um pouco das orquestras de pau e corda e blocos líricos, composta por coro de vozes femininas.[31]

Trata-se, assim, de caso que aponta para o futuro do Frevo, inclusive com muitos músicos e compositores jovens. Outro caso interessante que aponta para caminhos bastante novos tanto no campo da música quanto da dança, o clipe “Revólver” (2019) da compositora, cantora e bailarina Flaira Ferro é um verdadeiro manifesto acerca da vitalidade atual do Frevo e de seu caráter transgressor.[32] Ela consegue conjugar magistralmente o passo tradicional, trazendo personalidades como a clássica figura de Zenaide Bezerra e inovando em performances ousadas. A própria letra incita a tradição e o futuro: “No contra-ataque da guerra: arte! [...] Eu quero ver você dizer que não vai ter mais Frevo! / Eu quero ver você dizer que não tem Frevo mais! [...] O Frevo é um ser humano / O Frevo é o nosso rock / O Frevo é a luta armada / De Zenaide, de Capiba e de Spock”. Em outra passagem ela lista alguns dos passos tradicionais, criando uma tensão entre a contemporaneidade e a tradicionalidade: “Ferrolo, tramela / Rojão, abrealas / Tesoura, martelo / Espalhando brasa”.

No que se refere ao ensino da música do Frevo, há excelentes instituições em Pernambuco, como o Conservatório Pernambucano de Música, a Escola Técnica Estadual de Criatividade Musical, o Centro de Educação Musical e Olinda, o Curso de Música da UFPE e o Paço do Frevo, além de uma série de bandas e orquestras espalhadas pelo interior do Estado, de onde provêm grandes músicos de sopro e percussão que aderem às orquestras de Frevo. Orquestras como a do Maestro Duda; Orquestra do Maestro Formiga; Orquestra Popular da Bomba do Hemetério (Maestro Forró); Spok Frevo Orquestra; a Orquestra 100% Mulher (composta só de integrantes do sexo feminino, como diz o nome); Orquestra do Maestro Lessa; Orquestra do Maestro Oséas. O repertório tradicional é invariavelmente executado por estas e outras orquestras durante o carnaval: temas como “Vassourinhas” (Joana Batista – Matias da Rocha) e “Último Dia” (Levino Ferreira).

Podemos citar, ainda, como interessante ação de salvaguarda contemporânea os concursos de música de Frevo. Em 2021, por exemplo, a Fundaj anunciou um concurso assim definido em reportagem da Folha de Pernambuco:

“Com o intuito de incentivar a produção de novos frevos e fomentar o setor cultural, a Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) promove o Concurso Nordeste de Frevo – Homenagem ao Maestro Duda, por meio da Diretoria de Memória, Educação, Cultura e Arte (Dimeca). Artistas de todo o Nordeste podem participar com novas composições do ritmo que teve sua origem em Pernambuco mas é celebrado em toda a Região”. [33]

A Prefeitura do Recife já alargou mais o horizonte geográfico/cultural, lançando um festival de âmbito nacional. Na edição 2019, o site do festival assim definia seus objetivos: “Para amplificar a divulgação e a renovação do gênero musical que é patrimônio de Pernambuco, está em cartaz na cidade o Festival Nacional do Frevo 2019, promovido pela Prefeitura do Recife”. Foram quatro categorias: Frevo de Rua; Frevo de Bloco; Frevo-Canção e Frevo Livre Instrumental – Autoral, num montante de R\$ 104 mil

distribuídos entre os premiados. Entre os vencedores, nomes como Lourenço Gato, Flávio Souza, Marcos FM e Edinho Queiroz.[\[34\]](#)

Em suma, os sentidos fundamentais que tornaram a música do Frevo Referência Cultural do Brasil permanecem vivos, tendo seu ápice no período carnavalesco, com blocos nos quais a música e a dança tradicionais são amplamente praticados.

Outra questão levantada na Nota Técnica nº 03/2020/DPI diz respeito às possíveis ameaças à continuidade do bem cultural. Neste tocante, também a partir de algumas questões colocadas pelos detentores, entendemos que não podemos identificar algo como uma “ameaça” concreta à dinâmica do Frevo. O que é posto nitidamente nos depoimentos de alguns detentores é a necessidade de maior promoção do Frevo, inclusive nos meios televisivos. Sobre esta última questão, cabe ressaltar que o programa “O Tema É Frevo”, do radialista Hugo Martins – um dos maiores especialistas sobre o tema -, acaba de completar 50 anos. Trata-se de um importantíssimo programa de rádio semanal transmitido pela Rádio Universitária, na frequência 99.9 em Recife e RMR.

6 - A Dança – Passo

*Pernambuco tem uma dança que nenhuma terra tem /
Quando a gente entra na dança, não se lembra de ninguém.
(Capiba)*

Assim como a música do Frevo, o passo é elemento essencial. Os dois aspectos são tão umbilicalmente vinculados, que um pesquisador clássico, Valdemar de Oliveira, afirmou que não se pode distinguir exatamente “se o Frevo, que é a música, trouxe o passo ou se o passo, que é a dança, trouxe o Frevo” (OLIVEIRA, 1946). Assim como a música do Frevo, o passo continua sendo largamente praticado por milhões de foliões, de forma espontânea, nas centenas de blocos, troças, clubes, sobretudo durante o Carnaval. O passo também se tornou dança sistematizada, possuindo já uma longa história, mestres renomados e toda uma geração atual de bailarinos, professores, escolas.

Diretamente ligado à ginga dos capoeiras, o passo teve grandes mestres do passado, conforme afirmado no Dossiê: “Egídio Bezerra, Nascimento do Passo e, posteriormente, o Balé Popular do Recife foram responsáveis pela criação e pelo “batismo” de vários passos” (Dossiê, p. 39). Nascimento do Passo (1936 – 2009) foi um dos pioneiros na classificação de passos clássicos dançados até hoje, como “ferrolho”, “tramela”, dentre muitos outros. Criador da “Escola de Frevo Recreativa Nascimento do Passo” nos anos 1970, ele influenciou praticamente todas as gerações que seguiram ao seu trabalho e formou muitos dos grandes passistas que transmitiram suas metodologias, utilizadas até hoje. Foi mestre absoluto do passo, dando aulas, por exemplo, aos componentes do Balé Popular do Recife e Antônio Nóbrega. Em 1996 a escola que ele fundara ganhou sede própria, transformando-se na escola oficial de Frevo da Prefeitura Municipal do Recife. Em 2000, Nascimento desfilou com 35 passistas, com coreografia criada por ele, na escola de samba Império Serrano, no carnaval carioca. Em 2010, após sua morte, foi o grande homenageado do Carnaval do Recife.[\[35\]](#)

Exemplo de grupo que dá continuidade a trabalhos como o de Nascimento do Passo é o Balé Popular do Recife, em atuação até hoje, com sede na Rua do Bom Jesus, Bairro do Recife, território histórico do Frevo. Seu fundador, André Madureira, que desenvolve todo um trabalho mantido pela família Madureira (Andrea, Ângela, Antúlio), tornou-se Patrimônio Vivo de Pernambuco em 2017.

O Balé Popular do Recife tem mais de 40 anos de história e deu origem ao segmento de dança popular cênica em Pernambuco. André, primeiro diretor e coreógrafo da companhia acredita ter formado mais de 5 mil bailarinos e impulsionado o surgimento de grupos cênicos atuantes no Estado. Desde o início, houve grande influência da estética do Movimento Armorial. Nas suas palavras:

O balé começou com Ariano Suassuna, a gente não tinha uma linha própria de ação, às vezes era grupo folclórico, de dança popular, outras era de dança a caráter ou dança primitiva. [...] Desenvolvemos uma metodologia nova, que manteve as características das danças populares autênticas. A esta sistematização e codificação dos passos e movimentos, foi dado o nome de Método Brasília, ainda hoje importante ferramenta para transmissão dos saberes. [...] Todo pernambucano dança frevo, é uma cultura consolidada. Isso é uma vitória, em parte, do Balé

Popular, que levou a sombrinha pra rua, fazendo com que o frevo voltasse a ser a marca forte de Pernambuco não só no Carnaval, mas durante todo o ano. [...] Queremos formar uma geração nova de passistas de frevo, mil passistas formados com o frevo clássico, o frevo da dança cênica.[36]

Dentro desse mesmo contexto, destaca-se o nome de Antônio Nóbrega, também oriundo do Movimento Armorial, colega de outro membro da família Madureira (Antônio) no Quinteto Armorial e, hoje, com um trabalho importantíssimo de música e dança populares, com sede em São Paulo. Antônio Nóbrega nasceu em Recife, Pernambuco, em 1952. Sua iniciação artística se deu através do violino. Em 1971 foi convidado por Ariano Suassuna para integrar o [Quinteto Armorial](#), grupo precursor na criação de uma música de câmara brasileira de raízes populares. Posteriormente lançou diversos trabalhos e projetos solo, voltando-se também para a dança. Tem se apresentado por inúmeros países, entre eles Portugal, Alemanha, Estados Unidos, Cuba, Rússia e França.

Desde 1992, com sua mulher, Rosane Almeida, idealizou e dirige, em São Paulo, o [Instituto Brincante](#), local de cursos, apresentações, oficinas, mostras e encontros com intenção de unir o processo artístico ao pedagógico em torno da cultura popular brasileira. Brincante é o modo como os artistas populares se autodenominam: ao realizar um espetáculo, eles dizem que vão “brincar”. Em 2014, juntamente com o frevo – Patrimônio Imaterial da Humanidade – Antônio Nóbrega foi o homenageado do Carnaval do Recife. Durante a pandemia, o instituto Brincante vem oferecendo suas atividades on-line: Cursos, oficinas, espetáculos teatrais e lives.[37]

Outra grande representante da cultura popular, Zenaide Bezerra começou a dançar aos 8 anos de idade com o pai, Egídio Bezerra, já falecido. O passista Egídio Bezerra era considerado o 'Rei do Passo' nas décadas de 50 e 60. Ele levou a dança típica de Pernambuco para diversas cidades do Brasil e também para a França. Grande dama do Frevo, em 1975 Zenaide fundou, com os irmãos, a Escola Egídio Bezerra, onde ensina aos filhos, netos, bisnetos e sobrinhos e diversos alunos os passos do frevo, xaxado, forró, coco de roda e ciranda.[38] Em 2012, cinco anos após o Registro do Frevo, “O Globo” dava notícia da intensa atividade artística de Zenaide:

"Aos 62 anos, uma recifense insiste em não deixar a tradição da família morrer: viver dançando frevo. Zenaide Bezerra não se entrega à idade e flexiona perna, cruza braço, agacha o corpo. Tudo com muita vitalidade, sorriso no rosto e a sombrinha na mão, claro. Passista em atividade mais velha do Brasil, segundo a própria, ela diz que só para de frevar quando não der mais".[39]

Zenaide colabora ativamente com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) no plano de salvaguardar a dança do Frevo. Em 2011, foi homenageada pela Prefeitura do Recife, que produziu um livro sobre ela: "Zenaide Bezerra: no passo da vida... são dois pra lá, dois pra cá". O livro foi escrito por Carmem Lélis (que coordenou o INRC do Frevo), Leilane Nascimento e Hugo Menezes. Também o Paço do Frevo / IDG homenagearam Zenaide e seu pai, Egídio, na série infantil “Coleção Mestres e Mestras do Frevo”, com o livro “Na ponta do pé, em cima do pé: o rei do passo e a passista Zezé”, em 2017.

No que diz respeito à nova geração de passistas, o excelente trabalho “Frevo, Memória & Patrimônio”, lançado pelo Paço do Frevo / IDG em 2018 nos fornece uma ótima síntese, a partir de minibiografias. Tentaremos realizar uma síntese aqui. Citamos primeiramente o grupo “Frevoeterno”, que mescla música e dança e é composto pelos passistas Maria Flor (que também é musicista e membro do Comitê Gestor do Frevo), Ferreirinha e Wilson Aguiar, e pelos músicos Júlio César Melo (acordeom), Jefferson Alves (baixo acústico), Natalício Sales (pandeiro) e Thiago Silva (saxofone). O grupo utiliza uma indumentária própria (trajes mais formais, daí o trocadilho com “é terno), trabalhando o passo tradicional e também com muita improvisação. Tem sido, inclusive tema de estudos no curso de Licenciatura em Música do Campus Belo Jardim do IFPE. Como diz Maria Flor ao referir-se ao colega de grupo Ferreirinha:

"Ferreirinha dançando é um convite; quando ele dança parece que ele está convidando todo mundo pra dançar [...] nada daquilo é ensaiado, até nos espetáculos não é uma coreografia, nós criamos um roteiro e dentro dele nós criamos uma perspectiva de dança, que você vai estar livre, dançando, porém tem um porque, não é jogado, mas traz esse tipo de liberdade".[40]

Além de muitas apresentações e ministração de cursos no Brasil, o grupo já se apresentou e deu aulas, por exemplo, em Portugal. O grupo segue firme na salvaguarda do Frevo.

Outra figura de destaque que figura na coletânea é Valéria Vicente, que é dançarina pesquisadora e professora do curso de Licenciatura em Dança da UFPB. Jornalista que se especializou em Frevo durante o mestrado e o doutorado em Dança, já em 2006 montava o espetáculo “Fervo”, que contemplou os passos do Frevo, abordando sua origem e a violência com o corpo do recifense. Dentre outros temas, Valéria também pesquisou acerca da saúde do corpo no contexto do passo: “uma análise da exigência muscular pra pensar o que se precisa fisiologicamente preparar para ensinar Frevo” (ESTEVES; SANTOS, 2018:46). Desenvolveu também projetos junto com Flaira Ferro, Spok e Lucas dos Prazeres.

O jovem Júnior Viégas é outro passista que vem se destacando nos últimos anos. No universo do passo desde os 13 anos de idade, Júnior Viégas começou na Escola Municipal de Frevo Maestro Fernando Borges, em Recife, em 2001. Foi também aluno do Mestre Nascimento do Passo e, nos últimos anos, tornou-se professor na Escola Municipal e no Paço do Frevo. Participou de diversos projetos e espetáculos, incluindo apresentações nos Estados Unidos da América e participação no Comitê de Salvaguarda representando o Frevo em Paris, na cerimônia de titulação da Unesco, em 2012 (ESTEVES; SANTOS, 2018:63-65).

Outros nomes que figuram no Frevo contemporâneo são Jefferson Figueiredo, Otávio Bastos e Flaira Ferro. Jefferson Figueiredo, também oriundo da Escola Municipal de Frevo, foi aluno de Nascimento do Passo, trabalhou na Academia de Danças Fátima Freitas e participou de muitos espetáculos. Também se graduou em Dança pela UFPE, desenvolvendo trabalho de conclusão de curso intitulado “A reconstrução do Frevo pela dança documental: uma proposta teórico-prática para o fazer e o ensino da história da dança.”

Otávio Bastos é outro grande nome do passo contemporâneo. Foi também aluno de Nascimento do Passo na Escola Municipal de Frevo. Formado na graduação em Artes Cênicas na UFPE, em 2002 foi convidado para trabalhar em São Paulo com o grande Antônio Nóbrega, já referido aqui. Otávio Bastos atuou nos Estados Unidos da América, Alemanha, Suíça, França, Chile, Finlândia.

Flaira Ferro, que também é musicista e compositora, também se destaca muito no universo da dança do Frevo. Também aluna de Nascimento do Passo na Escola Municipal de Frevo, desde os sete anos de idade. Ela participou de diversos espetáculos desde muito jovem, estudou muitos estilos de dança. Já montou diversos espetáculos de música e dança, como “O Frevo é Teu?” e “Frevo de Casa”. Nas suas palavras: “Eu entendo que a dança que eu faço não é contemporânea pelo que eu faço, mas pelo o que eu estou procurando ver, pela lente que eu estou querendo enxergar a dança; o que de Frevo tem no ritmo do meu dia a dia? Quando eu olho para o centro da cidade eu me pergunto: ‘qual Frevo tem ali?’” (ESTEVES; SANTOS, 2018:99).

Por intermédio do Técnico do Iphan – PE, Marcelo Freitas, que também é passista, contactamos o “Grupo de Pesquisas e Ações em Frevo Guerreiros do Passo”, que nos forneceu dados minuciosos sobre a sua atuação como mais um grupo da nova geração de passistas que mantem o Frevo vivo. Surgido em 2005, de alunos oriundos da Escola Municipal de Frevo, que aprenderam com o mestre Nascimento do Passo desde os anos 1990, o grupo acabou se desdobrando em ensino, apresentações e pesquisa sobre o Frevo. Inicialmente, os amigos Eduardo Araújo, Gil Silva^[41], Lucélia Albuquerque e Valdomiro Neto começaram a levar o Frevo à Praça do Hipódromo, no Recife. Hoje, as ações desdobram entre a Troça Carnavalesca Mista O Indecente; o Projeto Frevo na Praça (aulas de dança); o Grupo de Dança Guerreiros do Passo e o Laboratório do Passo (pesquisas) (ESTEVES; SANTOS, 2018:50-52). A integrante Lucélia Albuquerque afirma, sobre o método de ensino:

“Os passos tradicionais do Frevo [...] estão inseridos no Método Nascimento do Passo, logo, são ensinados a todos que frequentam as aulas dos Guerreiros do Passo. [...] Outra ação que desenvolvemos para a manutenção dos passos tradicionais do Frevo é o Laboratório do Passo, onde pesquisamos passos e movimentos antigos, que foram esquecidos ao longo da história ou são pouco praticados. [...] passos como corta-jaca, abanado o fogareiro e corrupio são exemplos dessa memória que precisa ser revisitada”.^[42]

Por outro lado, as características próprias de cada passista são respeitadas, considerando-se ser o passo “uma dança da inventividade, da autoexpressão e do improviso”, diz ainda Lucélia Albuquerque. No caso da sua vertente de ensino, o projeto recebe entre 30 e 60 alunos por aula, e atinge cerca de 1.200 alunos por ano.

Quanto às escolas de Frevo em atividade, muitas já foram mencionadas no transcorrer do texto, como o Balé Popular do Recife a Escola Municipal de Frevo Maestro Fernando Borges, o curso de Dança da UFPE, o Paço do Frevo, a Academia de Danças Fátima Freitas. No caso do Recife, para uma visão mais detalhada, há o “Mapeamento da Dança”, realizado em oito capitais de cinco regiões do Brasil em 2014 (ver Referências).

7 – Síntese de Planos de Ação do Iphan – PE / PNPI

Aqui, buscaremos reunir, cronologicamente, algumas ações desenvolvidas pelo Iphan com recursos destinados aos Planos de Ação, em parceria com detentores e poderes públicos municipal e estadual. Além disso, destacamos uma ação aprovada no PNPI, todas realizadas nos anos que seguiram ao Registro do Frevo.

No ano de 2008, logo após o Registro do Frevo, foi aprovada, no Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, a publicação do livro “Tradições & Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco”. O livro, organizado pela historiadora Isabel Guillen, aborda diversas manifestações da cultura popular de Pernambuco, contendo capítulo específico relativo à história do Frevo: “DIP DOPS no frevo. Carnaval, política e identidade cultural em Pernambuco: 1930 – 1945”, de Rita de Cássia Barbosa de Araújo.

Em 2010, foi executado o projeto “Memória do Frevo – Acervo de Partituras”. Com a supervisão musical do grande maestro Edson Rodrigues, o projeto consistiu na restauração e digitalização de centenas de partituras raras, muitas inéditas, tornando disponível aos músicos e público em geral todo esse rico acervo do universo do Frevo.

Nos dias 28 e 29 de setembro de 2011 foi realizado o 1º Encontro do Plano Integrado de Salvaguarda do Frevo, na Superintendência do Iphan em Pernambuco. O Encontro foi realizado com recursos orçamentários do Iphan (valor total do projeto: R\$ 42.965,00), em parceria com a Secretaria de Cultura da Prefeitura da Cidade do Recife. Participaram representantes de diversas instituições públicas (municipais, estaduais e federais), bem como representantes dos mais diversos segmentos do Frevo. Ao todo houve cerca de 80 (oitenta) participantes.

Todas as discussões foram filmadas e baseadas no Plano Integrado de Salvaguarda do Frevo, elaborado com base nos dados coligidos no Inventário. Foram trabalhados os seguintes eixos: 1) Espaço do frevo; 2) Documentação; 3) Transmissão e Informação; 4) Divulgação; 5) Apoio às Agremiações; 6) Legislação: Direito Autoral, Marcas e Patentes; 7) Economia da Cultura do Frevo.

Entre 2012 e 2014 foi executado projeto, por meio de Convênio firmado com a Prefeitura da Cidade do Recife (Convênio 763052/2011), visando a articulação de uma atuação em rede na realização de ações de fomento que contribuíssem ao Frevo e a seus produtores para melhores condições de sua reprodução e continuidade. Além das ações de mobilização e articulação social, o projeto assegurou condições para o funcionamento regular do Comitê Gestor de Salvaguarda do bem cultural. Algumas das ações estão consolidadas no livro “Memórias do Comitê Gestor de Salvaguarda do Frevo”.

Em 2013 houve a realização do 2º Encontro do Plano Integrado de Salvaguarda do Frevo, ocorrido no Teatro Apolo, no Recife. Durante o evento, houve eleição do Comitê Gestor de Salvaguarda do Frevo com escolha dos representantes de segmentos diretamente associados à reprodução cultural do bem e à sua promoção e valorização. Composição do Comitê Gestor de Salvaguarda do Frevo: oito membros da sociedade civil representando as troças, blocos e clubes carnavalescos e de bonecos, os dançarinos, os musicistas, os pesquisadores e os pontos de cultura; Superintendência do Iphan em Pernambuco; Representação Regional Nordeste do Ministério da Cultura; Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ do Ministério da Educação; Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE; Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco; Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE; Núcleo de Diversidade e Identidades Sociais – NDIS da Universidade de Pernambuco – UPE; Secretaria de Cultura da Prefeitura do Recife; Fundação de Cultura Cidade do Recife; Secretaria de Patrimônio e Cultura – SEPAC da Prefeitura de Olinda; Prefeitura de Igarassu. Destacou-se o Maestro Spok com importante participação e apresentação musical.

Em 2014 foi estruturado o espaço físico para apoio ao funcionamento do Comitê Gestor da Salvaguarda do Frevo na sede da Representação Regional do Ministério da Cultura em Recife, com a aquisição de mobiliário e equipamentos de informática. Já em 2017 foi realizado o 3º Encontro do Plano Integrado de Salvaguarda do Frevo no Paço do Frevo, com os mesmos objetivos do segundo encontro. Em 2018 houve o Encontro Regional do Comitê Gestor de Salvaguarda do Frevo no CEU das Artes em Serra Talhada, Pernambuco, para intercâmbio de experiências e identificação de demandas de detentores do Frevo no Sertão do Pajeú. Ao longo do encontro foram realizadas apresentações culturais, oficinas de dança, confecção de adereços e oficinas de música.

8 – Frevo “Patrimônio Vivo”

O Governo do Estado de Pernambuco possui forte atuação na valorização das culturas populares / patrimônio imaterial. Basta lembrarmos, por exemplo, figuras como a do “paraibucano” Ariano Suassuna e sua atuação tanto privada quanto pública (Secretário de Cultura de Pernambuco entre 1994 e 1998) intimamente ligadas a temas como o Maracatu de Baque Solto, a Literatura de Cordel, o Balé Popular do Recife e, dentro muitos outros temas, o Frevo.

Desde 2002, Pernambuco tornou-se um “precursor em adotar uma legislação própria para ações de reconhecimento e valorização dos saberes e mestres da cultura imaterial.” (AMORIM, 2014:12). Trata-se de política que se tornou comum à maior parte dos estados do Nordeste do Brasil, além do estado de Minas Gerais. Efetivamente, o Governo garante recursos mensais para mestres e grupos, que, em contrapartida, atuam durante o ano todo na produção e reprodução dos saberes tradicionais.

O Frevo foi amplamente contemplado por esta política, desde 2006 até os dias atuais. Listamos, a seguir, os mestres e grupos do universo do Frevo contemplados. A listagem, por si, já é também mais uma amostragem da vivacidade e da permanência da tradição do Frevo no pós-Registro:

2006 – *Clube de Alegoria e Crítica Homem da Meia-Noite*. Clube olindense do bairro de Bonsucesso, com seu clássico boneco gigante – verdadeiro calunga sagrado de fraque e cartola -, que desfila à meia-noite no carnaval de Olinda;

2010 – *Maestro Duda*. Grande saxofonista, compositor, professor e arranjador, diversas vezes eleito melhor arranjador do Nordeste, um dos maiores nomes do Frevo de todos os tempos;

2013 – *Maestro Ademir Araújo (Formiga)*. Maestro, músico, compositor, arranjador, fundador da Banda Municipal do Recife e maestro da Orquestra Popular do Recife (idealizada por Ariano Suassuna), outro dos grandes nomes do Frevo;

2013 – *Lula Vassoureiro*. Artista plástico diretamente ligado à indumentária / iconografia carnavalesca do carnaval de Bezerros – PE, o artista ficou famoso pelas máscaras de “papangu”, figura emblemática do carnaval;

2016 – *Clube Carnavalesco Mixto Seu Malaquias* – Tradicional clube de bonecos que existe desde 1940 e já realizou diversas experiências de intercâmbio cultural no Brasil;

2016 – *Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense* – Troça carnavalesca tradicional do carnaval de Olinda, que abre o carnaval da cidade e acaba de completar 100 anos de existência;

2016 – *Claudionor Germano* – Um dos maiores intérpretes de Frevo de todos os tempos, voz clássica do carnaval pernambucano, cantor que deu voz aos Frevos-Canção de Capiba;

2017 – *André Madureira* – Um dos pioneiros do ensino e sistematização do passo, representante da dança no Movimento Armorial, fundador do Balé Popular do Recife;

2020 – *Clube Carnavalesco Misto Elefante de Olinda* – Clube tradicionalíssimo de Olinda fundado em 1952, e cujo hino, composto por Clídio Nigro Clóvis Vieira, é o Frevo-Canção mais famoso do carnaval de Pernambuco;

2020 – *Jota Michiles* – Grande nome do Frevo-Canção, compôs diversos temas que se tornaram clássicos do carnaval, sobretudo na voz de Alceu Valença;

Além do Patrimônio Vivo, o edital anual de cultura do Governo de Pernambuco / Fundarpe – o Funcultura – foi amplamente acessado pelos detentores e pesquisadores do Frevo nos últimos anos. A partir de um levantamento dos projetos aprovados nos últimos 16 anos, foi possível identificar mais de 50 projetos relativos ao tema Frevo. Entre os principais produtos há CDs, livros, aulas-espetáculo, financiamento de turnês, cursos de dança e projetos de pesquisa.

São muitos os nomes que figuram entre os detentores contemplados por projetos. Em 2004, por exemplo, foi realizado o projeto “Frevos de Duda”, que teve como produto um CD com as composições do grande Maestro Duda, Patrimônio Vivo de Pernambuco. Já em 2007, foi realizada uma pesquisa que resultou no livro “Evocação – a biografia do Maestro Nelson Ferreira”. Entre outros grandes nomes da música, aparecem o Maestro Ademir Araújo trabalhando aulas-espetáculo e a Spok Frevo Orquestra que teve turnês aos Estados Unidos apoiadas em 2011 e 2013.

Na dança, nomes como Valéria Vicente e Gil Silva tiveram projetos aprovados. Este último desenvolve projetos no Sertão do Pajeú, já há vários anos consecutivos. Caso do projeto “Sertão Frevo: iniciação ao Frevo no Sertão Pernambucano” de 2017. Valéria Vicente desenvolveu o projeto “Frevo: para aprender e ensinar” em 2013. Figuram ainda outros segmentos, por exemplo do mesmo ano (2013), como a criação do “Site: aprenda Frevo”, projeto de Mariângela Valença França. Em suma, são dezenas de projetos, todos da mais alta importância para a Salvaguarda do Frevo.

9 – A experiência do Comitê Gestor de Salvaguarda do Frevo

Em consonância com o princípio da participação social na gestão pública – preconizado pela política de preservação do patrimônio imaterial da esfera federal –, o Iphan-PE, juntamente com a Secretaria de Cultura da Prefeitura do Recife, mobilizou, em 2011, uma instância coletiva de decisão e acompanhamento da salvaguarda do frevo, que se convencionou chamar de Comitê Gestor de Salvaguarda do Frevo. O processo de sua criação se deu no 1º Encontro de Salvaguarda do Frevo, ocorrido em 2011, na sede do Iphan-PE, e contou com imediata adesão da sociedade civil, por meio de detentores que de pronto se mobilizaram para representar seus segmentos culturais no Comitê, bem como recebeu adesão de instituições públicas de cultura, pesquisa, educação e patrimônio cultural.

Inicialmente, o Comitê funcionou de maneira provisória, durante quase um ano, até que em 2012, durante o 2º Encontro de Salvaguarda do Frevo, foi eleita a primeira gestão do Comitê, já consolidado e com agenda própria. Ressalte-se que foi no âmbito dos trabalhos do Comitê Gestor de Salvaguarda do Frevo, coordenado à época pelos representantes do IPHAN-PE e da Secretaria de Cultura da Prefeitura do Recife, que foi elaborado o projeto de implantação do Pontão de Cultura do Frevo, que resultou na estruturação do local de funcionamento do Comitê e em oficinas culturais voltadas para a difusão do sistema cultural do Frevo – dança, música, adereços de agremiações.

Foi também em seu âmbito que foi organizada uma comissão de frevistas que foi enviada a Paris, a fim de representar o Frevo na reunião da Unesco que decidiria pela inscrição do bem cultural na Lista Representativa do Patrimônio Cultural da Humanidade. Dessa comissão, que envolveu músicos, passistas e membros de agremiações de frevo, surgiu, inclusive, uma orquestra, a Frevoé, a qual permite que se propague a memória do que para os detentores foi uma importante mobilização social em prol do reconhecimento do Frevo como patrimônio da humanidade.

O Comitê Gestor de Salvaguarda do Frevo chegou a contar com representações de instituições públicas federais, estaduais e municipais em seu corpo. Em 2014, as instituições parceiras do Comitê eram: 1) Ministério da Cultura, por meio da Representação Regional Nordeste; 2) Iphan, por meio do Iphan-PE; 3) Fundação Joaquim Nabuco/MEC; 4) Universidade Federal Rural de Pernambuco; 5) Secretaria de Cultura e Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Pernambuco; 6) Universidade de Pernambuco; 7) Secretaria de Cultura da Prefeitura do Recife e Fundação de Cultura Cidade do Recife, representando a Prefeitura do Recife; 8) Secretaria de Cultura da Prefeitura de Olinda; 9) Prefeitura de Igarassu (COMITÊ, 2014).

Da parte dos detentores, o Frevo estava representado, na gestão que durou de 2013 a 2015, pelos seguintes segmentos: 1) Blocos Líricos; 2) Clubes; 3) Clubes de Bonecos; 4) Troças; 5) Dança; 6) Música; 7) Pesquisadores de frevo; 8) Pontos de Cultura (idem, ibidem).

Registre-se que, conforme afirma Magdalena Almeida (op. cit., p. 30), o Comitê Gestor de Salvaguarda do Frevo foi o primeiro coletivo deliberativo de salvaguarda instituído em Pernambuco. Desde o início dos trabalhos, um dos maiores desafios tem sido manter mobilizados e atuantes os representantes dos segmentos do Frevo no Comitê. Entre 2011 e 2015, a mobilização dos detentores foi bastante presente, o interesse em participar do Comitê era alto. No entanto, com o passar dos anos, o interesse foi diminuindo gradativamente. Um dos fatores apontados para tal é a falta de compreensão por parte dos praticantes quanto ao papel do Comitê Gestor no processo de salvaguarda do Frevo e quanto ao seu papel como representante de um segmento no coletivo. Alguns detentores se distanciaram do Comitê quando perceberam que não haveria ganhos imediatos para seus grupos culturais (dentre os quais, ganhos financeiros). A burocracia dos órgãos públicos também consiste, a nosso ver, em fator de desmobilização social, devido às dificuldades que ela impõe para realização de projetos e obtenção de recursos financeiros para a salvaguarda do bem cultural.

Mesmo com as dificuldades de mobilização, o Comitê Gestor conseguiu realizar o 3º Encontro do Plano Integrado de Salvaguarda do Frevo, em 2017, no Paço do Frevo. O evento reuniu detentores e agentes públicos para discutir aspectos afetos à salvaguarda do bem cultural, como a música, a dança, dificuldades encontradas na salvaguarda, bem como para realizar a segunda eleição dos representantes dos segmentos culturais do Frevo para a gestão do coletivo.

Atualmente, integram o Comitê Gestor de Salvaguarda do Frevo as instituições públicas: 1) Iphan-PE; 2) Fundarpe (Secult-PE); 3) Secretaria de Cultura do Recife / Fundação de Cultura Cidade do Recife. São membros do Comitê detentores representando os seguintes segmentos do Frevo: 1) Clubes; 2) Blocos Líricos; 3) Dança; 4) Música; 5) Pontos de Cultura ligados ao Frevo. Existe um Regimento Interno em vigor desde 2015. O Comitê funciona por meio de reuniões ordinárias mensais e extraordinárias a qualquer tempo, a partir da existência de demandas que as provoquem.

Mudanças nas gestões de instituições do poder público não permitiram a continuidade do envio de representantes institucionais ao Comitê Gestor, tendo-se como base a formação do biênio 2013-2015. Da mesma forma, a ausência de detentores de alguns segmentos no Comitê indica, de certa maneira, a desmobilização em alguns setores da comunidade do Frevo. Importante ressaltar que o coletivo deliberativo continua atuante e é considerado relevante por diversos atores sociais que fazem o Frevo (em 2021, um novo membro ligado ao segmento Clubes passou a fazer parte do Comitê); está sempre presente em eventos, discussões e ocasiões importantes para o bem cultura, bem como sempre dialoga com os órgãos afetos à preservação do Frevo no tocante à salvaguarda.

Para todos os efeitos, o Comitê Gestor de Salvaguarda do Frevo constitui, ainda, a instância coletiva em que o Iphan dialoga, planeja e avalia o processo de salvaguarda do Frevo.

10 – O Paço do Frevo: uma experiência de excelência na salvaguarda do Patrimônio Imaterial

Reconhecido como Centro de Referência para a Salvaguarda do Frevo, o Paço do Frevo hoje representa um dos principais espaços de reconhecimento, valorização e visibilidade desse bem cultural. O Frevo se apresenta como um dos principais símbolos da identidade cultural pernambucana e movimenta uma cadeia que dinamiza, além da dimensão cultural, aspectos relativos às questões econômicas, turísticas, artísticas, entre outras, que colocam o Frevo como um importante elemento de mobilização social.

O Frevo, assim como as diferentes expressões do patrimônio cultural imaterial, tem nos seus fazedores um importante vetor para sua manutenção, que retroalimentam uma relação profícua com a memória e com as pesquisas sobre o frevo; são, ao mesmo tempo, criador e criatura de processos de pesquisas que colocam o Frevo e o Paço num lugar de destaque para a salvaguarda do Frevo. O Paço do Frevo consegue desenvolver um trabalho de referência para o frevo graças, entre outras dimensões, à sua estrutura física, humana e de gestão - feita atualmente pelo Instituto de Desenvolvimento e Gestão / IDG - que permite que as ações de salvaguarda pensadas em favor do Frevo consigam ser implementadas com excelência.

Esta estrutura é formada por espaços expositivos para exposições de média e longa duração, escolas de Música e Dança, sala de manualidades, Centro de Documentação, loja, estúdio e café; e possibilita o planejamento e desenvolvimento de ações cujos conceitos reforcem o papel do Frevo como patrimônio imaterial brasileiro e mundial e o comprometimento com a diversidade, com o ativismo e com a

representatividade. As ações desenvolvidas pelos fazedores de frevo e sediadas/mediadas pelo Paço do Frevo em muitos dos casos são oriundas de processos de pesquisas ou desencadeiam estudos que inspiram outras criações, o que retroalimenta uma relação de saber/fazer que reforça o lugar do Paço como local de referência para o desenvolvimento de pesquisas sobre o Frevo em todas as suas dimensões. Muitas vezes chamado de “casa do Frevo” o Paço do Frevo tem o compromisso de estar sempre em diálogo com os detentores desse bem, acolhendo, quando possível, suas demandas e expectativas.

Dentro desta estrutura, o Centro de Documentação e Memória Maestro Guerra-Peixe é um espaço que visa o desenvolvimento de processos e procedimentos voltados à formação, crescimento e atualização dos acervos disponíveis e acessíveis aos públicos, assegurando que seu conteúdo e seus documentos estejam ao alcance do público interessado nas informações relativas ao universo histórico, antropológico, social, cultural, artístico e político do Frevo.

Quanto à natureza e composição do acervo, este é composto por pelos seguintes conjuntos documentais:

I – Documentos bibliográficos (Livros, monografias, boletins, teses, dissertações, dicionários, manuscritos, letras de músicas);

II - Música impressa – partituras;

III – Documentos digitais/multimeios (bancos de dados, arquivos digitais de qualquer natureza, CDs, DVDs, LPs, áudio, vídeo, filmes, entrevistas, música);

IV – Documentos iconográficos (fotos, cartões postais, gravuras, pinturas, desenhos, cartazes, selos);

V- Documentos hemerográficos completos ou não (jornais, revistas, recortes);

VI – Documentos arquivísticos referentes à memória institucional do Paço do Frevo com conteúdo educativo, informativo e memorial: exposições, relatórios, catálogos, projetos e registros da programação. [43]

A maior parte do acervo do CDMMGP está catalogado em Plataforma virtual de gerenciamento de bibliotecas, o Sistema Alexandria.[44] onde é possível consultar a disponibilidade dos documentos disponíveis na reserva técnica do Centro. Na plataforma estão catalogados 921 documentos, cuja tipologia é majoritariamente livros (785 itens). Há ainda, material em áudio (90), audiovisual (17), periódicos (4), partitura (1) e envelope (1), além de 23 documentos catalogados em uma categoria denominada “false 4”. Cada um dos volumes contém as informações de título, subtítulo, autor, ISBN, ano e tipo de material.

11 - Algumas perspectivas de Salvaguarda do Frevo

Consideramos que o processo de salvaguarda do Frevo vem ocorrendo de forma sistemática e contínua. O Paço do Frevo executa diversas ações de salvaguarda de maneira programada, inclusive algumas que integram o Plano Integrado de Salvaguarda do Frevo. Podemos afirmar que o Paço do Frevo consiste, hoje, em um *lugar* referencial para a transmissão de saberes, a difusão e a promoção do Frevo como patrimônio imaterial.

Paralelamente, prefeituras municipais também apoiam agremiações e segmentos de Frevo de maneira contínua. A que mais se destaca é a Prefeitura do Recife, que, por meio de sua Secretaria de Cultura, tem produzido publicações de cunho cultural sobre o bem, e promove o Festival Nacional do Frevo, voltado para “amplificar a divulgação, a circulação e a renovação do gênero musical que é patrimônio imaterial de Pernambuco”[45]. O festival premia em dinheiro músicas dos gêneros tradicionais – Frevo de Rua, Frevo de Bloco e Frevo Canção –, bem como a categoria Frevo Livre Instrumenta, a qual contempla as inovações pelas quais passa a música do Frevo na contemporaneidade. Essa ação ocorre entre setembro e dezembro, e tem obtido bastante êxito no meio musical do Frevo.

Embora o Frevo possa ser considerado como um bem cultural bastante contemplado pelas políticas públicas de cultura e patrimônio, faz-se necessário alimentar constantemente o entendimento de que sua salvaguarda é um processo que deve ser sistemático, contínuo, integrado e não restrito apenas ao

período de carnaval. Esta é, inclusive, uma das principais demandas dos detentores do Frevo, os quais defendem que o bem cultural, como constituinte da identidade cultural pernambucana, deve ser tratado pela gestão pública como algo a ser promovido durante todo o ano. É o que as ações de salvaguarda têm feito mais recentemente. As atividades do Paço do Frevo e o referido Festival de música são demonstrações desse fato.

Apesar desses fatores, avaliamos que ainda falta uma maior integração interinstitucional no sentido de planejar, monitorar e avaliar de maneira conjunta as ações de salvaguarda do Frevo, no âmbito do Comitê Gestor. Essa maior integração é necessária para se contemplar pontos ainda não executados do Plano Integrado de Salvaguarda – como, por exemplo, as ações Pátio do Frevo e QG do Frevo[46]. Tal integração poderá ocorrer mediante a uma pactuação formal entre as instituições envolvidas com a salvaguarda do Frevo, mormente o Iphan, Secretarias de Cultura de Prefeituras como Recife e Olinda, Secretaria de Cultura do Estado e Fundarpe.

Pensar salvaguarda do Frevo significa, também, considerar questões que, a nosso ver, são timidamente contempladas na política federal de salvaguarda do patrimônio imaterial: a economia da cultura. O Frevo guarda relações estreitas com o mercado, tanto da música, quanto da dança, e está inserido nas relações com o mercado do espetáculo. Esse ponto, apenas indicado na atual versão do Plano Integrado de Salvaguarda do Frevo, necessita ser melhor esmiuçado. Questões como a cadeia produtiva do Frevo precisam ser estudadas e mapeadas, com vistas ao planejamento de ações de salvaguarda que contemplem a sustentabilidade econômica dos segmentos culturais do Frevo.

Atualmente, em termos econômicos os segmentos possuem seu mercado distinto: os grupos de dança são contratados por editais públicos e por entes privados; as orquestras, por sua vez, possuem também seu mercado próprio. Não obstante, existe uma assimetria, uma desigualdade entre grupos e orquestras, alguns fazendo parte do “*mainstream* do Frevo”, outros praticamente desconhecidos do grande público e dependentes das subvenções do poder público.

O segmento das agremiações parece ser o mais frágil em termos de sustentabilidade econômica. Clubes tradicionais tiveram que fechar suas sedes e encerrar suas atividades devido a dívidas trabalhistas, dificuldades financeiras para manutenção de seus espaços físicos, dentre outros problemas de ordem financeira. Historicamente, os Clubes de Frevo possuíam suas próprias orquestras. Com o passar do tempo, manter uma orquestra vinculada à agremiação se tornou algo dispendioso, de modo que os grupos passaram a contratar músicos esporadicamente. Esse fato ilustra a dificuldade financeira de se manter uma agremiação de Frevo.

Dentre os tipos de agremiações, consideramos as Troças as mais frágeis, e os Blocos Líricos os mais bem organizados. Estudos são necessários para indicar o quanto isso se relaciona com as classes sociais e econômicas dos componentes dessas agremiações, e como as formas de organização coletiva operam para ajudar a manter a coesão social e a sustentabilidade econômica.

Nessa perspectiva, consideramos que a salvaguarda do Frevo deve incorporar o debate sobre economia da cultura – e, em seu âmbito, o da economia criativa – mediante a realização de estudos, seminários e debates, com o fito de verificar fragilidades e potencialidades com vistas ao planejamento e à realização de ações de salvaguarda.

Parecer

Considerando a grande quantidade de produtos culturais, transmissão de saberes, promoção e salvaguarda - atividades em geral em torno do Frevo -, o Bem Cultural revela uma vitalidade impressionante nos últimos quinze anos – período entre a realização do INRC e os dias de hoje. De maneira que, posta a grande quantidade de informações sobre temas diversos no presente documento, para nós se torna evidente o posicionamento no sentido de afirmar a Revalidação da inscrição do Frevo no Livro das Formas de Expressão, conforme previsto no Decreto 3.551/00. É este o parecer.

Respeitosamente,

George Patrick Bessoni e Silva
Técnico I - Ciências Sociais

Romero de Oliveira e Silva Filho
Técnico I - História

Thamires Helena Oliveira Neves
Técnico I - História

Referências

Livros

CASSOLI, Camilo; FALCÃO, Luiz Augusto; AGUIAR, Rodrigo: *Frevo: 100 anos de folia*. São Paulo: Timbro, 2007.

COMITÊ Gestor de Salvaguarda do Frevo – *Memórias: 2011 – 2014*. Madalena Almeida (Org.). Recife: Secretaria de Cultura / Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2014.

ESTEVES, Leonardo; SANTOS, Luiz. *Frevo: memória & patrimônio*. Recife: IDG, 2018.

FREVO - *Dossiê / coordenação Yêda Barbosa*. – Brasília, DF: Iphan, 2016.

FUNDARPE. *Patrimônio Cultural Imaterial de Pernambuco*. Organizadores: Jacira França; Marcelo Renan de Souza. Recife: Fundarpe, 2018.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Tradições & Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

IPHAN / Prefeitura da Cidade do Recife. *Memória do Frevo: acervo de partituras* (Frevo, Patrimônio cultural Imaterial do Brasil – Plano Integrado de Salvaguarda). Recife: 2010.

MAGNO, Luciano. *Frevo para guitarra*. Recife: DPX Editorial, s/d.

LÉLIS, Carmem; MENEZES, Hugo; NASCIMENTO, Leilane. *Zenaide Bezerra: no passo da vida... são dois pra lá, dois pra cá*. Recife: Secretaria de Cultura do Recife / Fundação de Cultura do Recife, 2011.

MEMÓRIA do Frevo. *Acervo de Partituras*. Recife: Casa do Carnaval, s/d.

MENDES, Marcos Ferreira. *Arranjando frevo de rua: dicas para orquestras de diferentes formações*. Recife: Cepe, 2017.

NASCIMENTO, Leila; MARINHO, Vanessa. *Na ponta do pé, em cima do pé: o rei do passo e a passista Zezé*. Recife: IDG, 2017.

OLIVEIRA, Valdemar de. "O frevo e o passo de Pernambuco", in: Boletim Latino-Americano de Música, Rio de Janeiro, abril de 1946, tomo VI, Instituto Americano de Musicologia, 1946.

SANTOS, Climério de Oliveira. *Frevo: transformações ao longo do passo*. Climério de Oliveira Santos (Clima), Marcos Ferreira Mendes (Marcos FM), Tarcísio Santos Resende; Prefácio Carlos Sandroni. Recife: Cepe, 2019.

SILVA, Leonardo Dantas (org.). *Blocos Carnavalescos do Recife: origens e repertório*. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria do Trabalho e Ação Social, 1998.

TELES, José. *Do Frevo ao Mangubeat*. São Paulo; Editora 34, 2012.

TINHORÃO, José Ramos. *Pequena história da música popular*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

CDS

TELES, José. “Encarte” do CD “100 Anos de Frevo: é de perder o sapato” (produzido por Carlos Fernando). Recife: Biscoito Fino, 2007.

“Recife Frevoé” (5 CDs com a participação de diversos artistas da MPB. Produzido por Carlos Fernando). Recife: Prefeitura do Recife, 2007.

“100 Anos Depois: É Frevo no PE”. Quinteto Violado, 2007.

CD-ROMs

FREVO. *Salvaguarda do Frevo – Acervo de Partituras*. (Coord. Maestro Edson Rodrigues). Recife: Iphan / Prefeitura do Recife / Casa do Carnaval, 2010.

MATOS, Lúcia; NUSSBAUMER, Gisele (Coord.). *Mapeamento da dança: diagnóstico da dança em oito capitais do Brasil*. UFBA / Funarte / MinC, 2014

DVDs

“Passo de Anjo” – Spok Frevo Orquestra. Recife: Biscoito Fino, 2008.

“Sete Corações”. Idealizado por Spok e dirigido por Déa Ferraz. Recife, 2014.

Sites

ofrevo.com

g1.globo.com

diariodepernambuco.com.br

blogs.ne10.uol.com.br

carnaval.leijaja.com

[1] Frevo – Dossiê Iphan, 2016:88.

[2] TELES, 2012:35.

[3] Frevo – Dossiê Iphan, 2016:72.

[4] O frevo-canção “Frevo Rasgado” foi composto por Gilberto Gil em parceria com Bruno Ferreira já no ano de 1968.

[5] “Pernambuco comemora 100 anos do Frevo”. g1.globo.com, 09/02/2007.

[6] O CD foi produzido pelo compositor caruaruense Carlos Fernando, falecido em 2013. Ele foi um dos principais responsáveis pela renovação do gênero Frevo-Canção, a partir dos anos 70, com músicas como “Aquela Rosa” e “Tempo Folião” (parcerias com Geraldo Azevedo) e “Anjo Averso”, que dá título a um álbum de Alceu Valença.

[7] O ano de 2021 é exceção à regra, devido ao contexto da pandemia. Mesmo assim, ocorreram muitas apresentações ao vivo por meio da internet e veiculação de programas especiais em rádio e televisão.

[8] “Vassourinhas” (Joana Batista – Matias da Rocha); “Último Dia” (Levino Ferreira); “Oh Bela” (Capiba); “Hino do Elefante (Clídio Nigro – Cloves Vieira).

[9] Depoimento ao Iphan – PE, 2021.

[10] “Frevo do Galo”, de Fernando Azevedo, Paulo Gama e Fernando Gama.

[11] “Escuta Levino exalta frevo de bloco e anima foliões no último dia antes da abertura do carnaval do Recife”. g1.globo.com, 20/02/2020. O bloco “Clube Carnavalesco Misto Escuta Levino” homenageia o compositor Levino Ferreira em seu nome.

[12] “Ensaio da Pitombeira dos Quatro Cantos lota ladeiras do Sítio Histórico de Olinda. Agremiação, uma das mais tradicionais do estado, completa 73 anos de fundação em 2020”. g1.globo.com, 12/01/2020.

[13] “Conheça as atrações dos polos descentralizados do Carnaval 2020”, Diário de Pernambuco, 20/01/2020.

[14] No transcorrer das décadas seguintes muitos compositores brasileiros fora no eixo de Pernambuco compuseram frevos, caso de Tom Jobim, Edu Lobo, Chico Buarque e Egberto Gismonti, Caetano Veloso e Moraes Moreira.

[15] Matéria de José Teles para o Jornal do Comércio em 07/01/2018.

[16] Cultura.pe.gov.br, 10/08/2016.

[17] Canal “Mexe com Tudo” de Otávio Bastos no Youtube. O concurso na categoria “masculino” foi vencido por um coreano chamado Jae.

[18] “Aos 82, mais velho maestro de Frevo ainda surpreende público em PE”. Gauchazh.clicrbs.com.br, 24/02/2020.

[19] Carnaval.leiaja.com, 09/02/2019.

[20] “Carnaval do Recife e de Olinda seriam menores sem patrocínio da iniciativa privada, dizem prefeituras”. g1.globo.com, 19/02/2020.

[21] “Governo de Pernambuco investe R\$ 21 milhões no Carnaval”. turismoemfoco.com.br, 01/03/2019.

[22] “Galo da Madrugada é o bloco de rua campeão de captação”. cultura.gov.br, 01/03/2017.

[23] G1.globo.com, 05/02/2020.

[24] “Sem sede e recurso, Vassourinha luta pra sair no Carnaval”. m.leiaja.com, 14/09/2019.

[25] “Recife anuncia inscrições para auxílio emergencial voltado a artistas e agremiações carnavalescas”. g1.globo.com, 20/02/2021.

[26] Juntamente com o músico Newton Caivano, Edson Rodrigues teve participação importantíssima na articulação da salvaguarda nos anos que se seguiram ao Registro do Frevo. Ele participou, a exemplo, da 1ª Reunião de Salvaguarda de Bens Registrados em São Luís – MA em 2010, como um dos representantes dos detentores do Frevo.

[27][27] Ver <https://www.youtube.com/watch?v=c-jim6tPf4E>.

[28] “Maestro Forró grava disco com clássicos do rock em ritmo de frevo”. Blogs.ne10.uol.com.br, 17/12/2014.

[29] “Morre o cantor e compositor Expedito Baracho”. Diário de Pernambuco”, 27/05/2017.

[30] “Compositor e poeta pernambucano Romero Amorim morre aos 74 anos”. G1.gloob.com, 12/05/2012.

[31] Release da Orquestra Malassombro fornecido ao Iphan – PE pelo produtor Amaro Filho em 2021.

[32] Ver <https://www.youtube.com/watch?v=H3jv4Vlh844>.

[33] “Fundaj promove Concurso Nordestino de Frevo”. folhape.com.br, 09/02/2021.

[34] Ver: nacionaldofrevo.recife.pe.gov.br.

[35] Basilio.fundaj.gov.br, 2010.

[36] Cultura.pe.gov.br, 05/01/2018.

[37] Institutobrincante.org.br; antonionobrega.com.br.

[38] Ouvindoofrevo.wixsite.com.

[39] G1.globo.br, 16/01/2012.

[40] ESTEVES; SANTOS, 2018:24-27.

[41] O passista Gil Silva desenvolve atualmente um projeto que leva o Frevo a Serra Talhada, o projeto “SerTão Frevo”, conforme nos foi referido em depoimento de Célia Meira, em 2021.

[42] Depoimento ao Iphan – PE, 2021.

[43] A Política de Desenvolvimento de Coleções do Centro de Documentação e Memória Maestro Guerra-Peixe é o instrumento de planejamento e avaliação do referido Centro, o qual estabelece diretrizes gerais da Política, define a natureza dos fundos documentais, assim como o conteúdo de suas coleções, além de apresentar critérios e subsídios que pautam as atividades de seleção, avaliação, aquisição, manutenção e descarte em seu acervo. Disponível em: <https://31b5641d-b109-4a03-8896-0334bd846e2b.usfiles.com/ugd/31b564_734c4c014fbd42398bbdd7a0d2a01518.pdf> acesso em 08/04/2021.

[44] O Sistema pode ser acessado através do seguinte link: <<http://pacodofrevo.alexandria.com.br/index.xhtml?jsessionid=04557F9736E6F4640F194F9F060C4AFE>>

[45] **Inscrições abertas para o Festival Nacional do Frevo 2019**. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/node/289549>>. Acesso em: 15 abr 2021.

[46] A ação Pátio do Frevo consiste na difusão do bem cultural por meio de apresentações dos segmentos do Frevo no Pátio de São Pedro, área situada no Bairro de Santo Antônio, tombada em nível federal. A ação do QG do Frevo remete à antiga tradição de considerar a Praça da Independência – popularmente conhecida como Praça do Diário – o “Quartel General do Frevo”, um local de trocas culturais e apresentações de frevo para o público transeunte.



Documento assinado eletronicamente por **George Patrick Bessoni e Silva, Técnico**, em 22/04/2021, às 13:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Thamires Helena Oliveira Neves, Técnico I**, em 22/04/2021, às 13:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Romero de Oliveira e Silva Filho, Técnico**, em 22/04/2021, às 20:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://sei.iphan.gov.br/autenticidade>, informando o código verificador **2621691** e o código CRC **E96ADCF1**.



Referência: Processo nº 01450.000903/2020-15

SEI nº 2621691